

Literatura ficcional no Ensino Superior Tecnológico!? Por quê (não)?

Carina Fior Postingher Balzan¹

Resumo: Este artigo aborda a importância da literatura ficcional na formação acadêmica do estudante, problematizando o espaço da literatura Ensino Superior, em especial no Ensino Superior Tecnológico. Entende-se que, por sua função humanizadora, a literatura contribui para a formação de profissionais autônomos, críticos e reflexivos, preparados para compreender o mundo e as relações que os cercam e capazes de exercer efetivamente a cidadania. Analisam-se dados de uma pesquisa realizada com estudantes de Cursos Superiores de Tecnologia a fim de mostrar a atividade de leitura desses estudantes, como também revelar suas concepções a respeito da literatura. Os resultados revelam que a grande maioria dos estudantes pesquisados não costumam ler literatura ficcional, e os que leem, não incluem obras clássicas em seus repertórios, restringindo-se à leitura de *best sellers*. Essa constatação permite, ainda, fazer uma breve reflexão sobre a questão do cânone. Por fim, apontam-se alternativas para promover o contato dos acadêmicos com o texto literário nas próprias instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: Literatura ficcional. Formação de leitores. Ensino Superior Tecnológico

Fictional literature in Technological Higher Education?! Why (not)?

Abstract: This article deals with the importance of fictional literature on student's academical education, questioning the literature space in Higher Education, especially in Technological Higher Education. By its humanizing purpose, it's understood that literature contributes to the development of independent, critical and reflective professionals, prepared to comprehend the world and the relations that surround them and capable of exercising their own citizenship. Data from a research done with Technological Higher Education students is analyzed in order to show their reading activity and also to reveal their conceptions about literature. The results show that the major of the surveyed students is not used to reading fiction literature, and those who read it, don't include literature classics on their reading range, restringing it to best-sellers. With this finding, it is also possible to make a brief reflection about canons matters. Finally, alternatives to promote the student's contact with literary texts in Higher Education institutions are raised.

Keywords: Fictional Literature. Readers development. Technical Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

A atividade de leitura, no contexto do Ensino Superior, é condição indispensável para a plena formação acadêmica e profissional do estudante. Embora cada etapa da formação escolar implique diferentes exigências de leitura e habilidades de ler, no nível superior, a leitura

¹ Doutora em Letras e mestra em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). É docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)-Campus Bento Gonçalves, atuando nas áreas de Literatura, Leitura e Formação de Leitores. E-mail: cfpbalzan@gmail.com.

de textos mais complexos e de narrativas com interpretações mais profundas exige um conhecimento amplo de vocabulário, além de uma desenvolvida capacidade de reflexão e interpretação. Somado a isso, o aluno precisa, progressivamente, apropriar-se do vocabulário técnico relacionado à área de conhecimento do seu curso, à estrutura e aos recursos linguísticos próprios dos textos de gênero acadêmico e científico. Enfim, são exigidas do estudante determinadas habilidades de leitura, como identificar e selecionar informações de forma crítica e reflexiva, transformando informações em conhecimento a fim de elaborar e construir novos conceitos.

De acordo com Paviani (2006), entretanto, a maioria dos estudantes que ingressa nos cursos superiores não é leitor. Alguns poucos, ao chegarem ao fim do curso, por força das circunstâncias, acabam tornando-se leitores. Outros leem estritamente o necessário desde o início do curso e, muito provavelmente, permanecerão com esse comportamento em relação à leitura, mesmo depois de formados, quando profissionais. Esses estudantes não percebem a leitura como forma de entretenimento, informação e desenvolvimento pessoal, limitando-se a ler apenas aquilo que é solicitado nas disciplinas cursadas, como textos fotocopiados, livros e apostilas disponibilizados pelos professores. Pode-se dizer, nesse sentido, que realizam uma leitura com fins eminentemente pragmáticos.

Obviamente que a leitura nem sempre é algo simples e que nem toda leitura é prazerosa. O gosto pela leitura pode não ocorrer de imediato no encontro entre leitor e texto; é, antes, algo a ser construído. Depende de habilidades, de técnicas, de procedimentos, de estratégias, de lidar com operações lógicas como definir, classificar, descrever, analisar, interpretar, entre tantas outras, que o estudante precisa desenvolver. Se, por um lado, como aponta Paviani (2006), o estudante universitário tem o compromisso de ler, sendo esse compromisso ao mesmo tempo ético (formação capaz de atender às exigências sociais) e profissional (formação que corresponda às exigências técnicas e científicas), por outro, não se pode negar a responsabilidade da própria instituição de Ensino Superior na formação de leitores.

Mais do que atribuir à Educação Básica a culpa pelas falhas na competência leitora dos estudantes, cabe à universidade perceber os problemas relacionados à leitura e atendê-los com vistas a solucioná-los. Se, como afirma Witter (1997, p.11), “a leitura é um comportamento essencial para o ensino-aprendizagem no ensino superior”, o ingresso em um curso superior talvez seja, “a última oportunidade para tornar o cidadão um leitor competente, crítico,

frequente, criativo, que compreende e usa de forma adequada as informações obtidas via texto.”.

E nada melhor que a literatura ficcional² para desenvolver o senso crítico, a ampliação do vocabulário, a criatividade e a sensibilidade tão necessárias para a compreensão e interpretação de textos de qualquer gênero que circulam na sociedade. Todavia, qual o espaço que a literatura ficcional ocupa no currículo de um curso superior? Exceção-se o curso de Letras, em que o texto literário se torna objeto de estudo dentro dos componentes curriculares, ou algum curso da área de Ciências Humanas, que pode fazer uso de textos literários para o desenvolvimento de determinado conteúdo, a maioria dos programas de cursos superiores de diferentes áreas do conhecimento não contempla o texto literário. Alguns poucos professores, por iniciativa própria e isolada, podem trazer o texto literário para a sala de aula para o debate ou para desenvolver alguma interface com o conteúdo.

Pensando nisso, o objetivo deste artigo é problematizar o espaço da literatura no Ensino Superior, em especial no Ensino Superior Tecnológico. O título proposto “Literatura ficcional no ensino superior tecnológico!” propositalmente sugere uma estranheza, indicando ao mesmo tempo uma surpresa e uma indagação pelo fato de o texto literário não ser um tópico presente nos componentes curriculares dos programas de ensino dos cursos de graduação. Em seguida, a outra pergunta: Por quê? questiona a própria função da literatura na formação do acadêmico, complementada pela ideia de possibilidade: Por quê (não)?

Nessa discussão, buscamos na teoria literária fundamentos para argumentar sobre a importância da literatura ficcional na formação acadêmica dos estudantes, analisando dados de uma pesquisa³ quantitativa e qualitativa realizada com estudantes de Cursos Superiores de Tecnologia de uma instituição pública especializada em Educação Profissional, localizada no Rio Grande do Sul, na Serra Gaúcha. Os dados foram coletados a partir de um questionário aplicado a 96 (noventa e seis) estudantes do terceiro semestre de cinco Cursos Superiores de Tecnologia⁴. A análise dos dados mostra a atividade de leitura dos estudantes como também revela suas concepções a respeito da literatura ficcional, o que nos permite, ainda, fazer uma

² Utilizamos aqui o termo “literatura ficcional” para distinguir a leitura de textos literários da leitura de textos acadêmicos ou científicos, aos quais pode-se atribuir o termo “literatura científica”, de acordo com as diferentes áreas do conhecimento.

³ A pesquisa intitulada “Da leitura prática às práticas de leitura: o caso dos Cursos Superiores de Tecnologia” foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

⁴ Os cinco cursos pesquisados foram: Tecnologia em Alimentos; Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; Tecnologia em Logística, Tecnologia em Viticultura e Enologia; e Tecnologia em Horticultura.

breve reflexão sobre a questão do cânone. Por fim, propomos algumas alternativas para promover o contato com a literatura ficcional no contexto do Ensino Superior Tecnológico, por julgarmos a literatura imprescindível para a formação plena do estudante desse nível.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA FICCIONAL NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE NÍVEL SUPERIOR

Durante sua trajetória escolar, por inúmeras vezes, o estudante entra em contato com o texto literário. Esse encontro pode ser mais ou menos prazeroso, mais ou menos interessante, mais ou menos marcante. Do encantamento inicial com a literatura infantil e juvenil durante a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, em que as histórias contadas ou lidas apresentavam-lhe o mundo da imaginação, da fantasia, o estudante passa, no Ensino Médio, para o estudo sistemático de obras e autores representativos da literatura brasileira, o que pode despertar-lhe ainda mais o gosto pela literatura ou, em muitos casos, gerar frustração e desinteresse pela leitura em geral. Sabe-se que a formação do leitor tem a ver com as experiências do sujeito ao longo da vida, da maneira como vivenciou a leitura, da forma como ocorreu a mediação entre o leitor e o texto, além de outros fatores como o contexto social, cultural e econômico em que está inserido (PAVIANI, 2006; HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010).

Ao ingressar no Ensino Superior, o estudante depara-se com um grande volume de leituras voltadas ao aproveitamento das disciplinas do curso, como capítulos de livros, artigos científicos, apostilas, manuais, entre outros materiais. Trata-se de textos de caráter técnico e científico, cuja linguagem caracteriza-se pela objetividade, clareza e precisão. O estudante vai perdendo, assim, o contato que tinha com o texto literário. Dependendo do curso escolhido, então, como as Ciências Exatas, ele nunca mais terá a oportunidade de ler, comentar ou analisar um texto literário em sala de aula, com a mediação de um professor. Para alguns estudantes, que não desenvolveram o gosto pela leitura ou que vivenciaram experiências frustrantes com a literatura ao longo de sua trajetória escolar, isso pode ser um alívio, e talvez vislumbrem no Ensino Superior a oportunidade de se livrarem de vez do texto literário. Para outros, pode significar uma perda, um sentimento de orfandade diante de um mundo de leituras ainda por explorar. De qualquer forma, a partir do ingresso no Ensino Superior, o acadêmico torna-se o único responsável pelas leituras não vinculadas ao curso, ou seja, as leituras por prazer ou como forma de entretenimento, possuindo total liberdade para escolher seus livros, obras, autores, ou,

como não é raro acontecer, para abandonar a literatura definitivamente.

Muito já se falou sobre a importância da literatura ficcional na constituição do sujeito em idade escolar, sobretudo o da Educação Básica. Por meio da literatura, tem-se acesso ao imenso acervo cultural constituído ao longo da história da humanidade, possibilitando novos repertórios de informação. Ela favorece a ampliação e o aprofundamento do conhecimento, como também desenvolve competências para a observação, a análise e a reflexão a respeito das certezas ou hipóteses construídas. Pela literatura, promove-se o acesso às formas particulares e específicas de escrever, podendo levar o leitor a aprimorar suas competências de escrita. De acordo com Antunes (2009), a literatura é fundamental ainda no desenvolvimento da afetividade, da sensibilidade artística e do gosto estético:

Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza. Leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e mais nada. Para entrar no mistério, na transcendência, em mundos de ficção, em cenários de outras imagens, criadas pela polivalência de sentido das palavras. (ANTUNES, 2009, p. 200).

Todas essas competências proporcionadas pela leitura do texto literário deveriam estender-se também ao estudante do Ensino Superior, entendido como sujeito em formação, agregando-se aos conhecimentos técnicos e científicos ensinados na universidade, na constituição do futuro profissional.

A literatura é, segundo Llosa (2005), uma atividade insubstituível para a formação do sujeito na sociedade moderna e democrática, e que, por isso, deveria fazer parte de todos os programas de educação como uma disciplina básica. Em uma época de profunda especialização do conhecimento devido aos avanços da ciência e da técnica, a literatura atua como um denominador comum da experiência humana, graças ao qual as pessoas se reconhecem e dialogam, não importando o quão distintas sejam as suas ocupações, as geografias e as circunstâncias que as separam. Como explica o autor:

A especialização conduz à incomunicabilidade social, ao esartejamento do conjunto dos seres humanos em assentamentos ou guetos culturais de técnicos e de especialistas, aos quais uma linguagem, códigos e uma informação progressivamente setorizada e parcial confinam naquele particularismo contra o que nos alertava o velhíssimo refrão: não se concentrar tanto no ramo ou na folha como para esquecer que são parte de uma árvore, e essa, de um bosque. De ter consciência cabal da existência do bosque depende, em boa medida, o sentimento de pertencer que mantém unido o todo social e o impede de se desintegrar numa miríade de particularismos solipsistas. (LLOSA, 2005, p. 379).

De fato, vivemos na era da ciência e da tecnologia, na qual a especialização do conhecimento foi gerando uma fragmentação do saber e a criação de um vocabulário hermético, onde a existência de cada indivíduo fica compartimentada em determinada profissão e especialidade, eliminando os denominadores comuns da cultura, os quais permitem aos homens coexistir, comunicar-se, ser solidários. O sentimento de pertencer à coletividade humana, através do tempo e do espaço, conforme Llosa (2005), é a realização mais elevada da cultura, e nada contribui mais do que a literatura para renová-lo, a cada geração.

Em comparação a épocas anteriores, de acordo com Candido (2004), o ser humano chegou a um máximo de racionalidade técnica e domínio sobre a natureza. No entanto, a irracionalidade do comportamento também chegou ao máximo, nutrida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. O autor nos fala do direito à literatura, classificando-a como um “bem incompressível”, algo que não pode ser negado a ninguém. Certos bens são incompressíveis, isto é, não podem ser suprimidos, como alimento, casa, roupas. Outros são compressíveis, como cosméticos, enfeites. Segundo o autor:

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2004, p. 174).

A literatura constitui-se como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não existe povo ou indivíduo que possa viver sem ela, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. A criação ficcional ou poética está presente em cada indivíduo, analfabeto ou erudito, na forma de anedota, causo, história em quadrinhos, canção popular, manifestando-se desde o devaneio amoroso ou econômico até à atenção na novela da televisão ou leitura de um romance.

A literatura seria, portanto, uma necessidade universal que precisa ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, pois pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos, nos humaniza. Candido entende humanização como:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do

humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (2004, p. 180).

Toda obra literária é uma espécie de objeto construído, e é grande o poder humanizador desta construção. Segundo Candido (2004), quando elaborada em uma estrutura pelo autor, a palavra organizada, num modelo de coerência, torna o leitor capaz de ordenar a própria mente e sentimentos e, em consequência, mais capaz de organizar a visão do mundo. A literatura permite que os sentimentos passem do estado de mera emoção para o da forma construída, transforma o informal ou o inexpresso em estrutura organizada, que se põe acima do tempo e serve para cada um representar mentalmente as situações desse tipo, daí sua função humanizadora.

Negar a fruição da literatura é, segundo Candido (2004), mutilar a nossa humanidade. Além disso, a literatura pode ser um instrumento consciente de “desmascaramento”, pelo fato de revelar as situações de restrição ou negação dos direitos, a miséria, a servidão, a mutilação espiritual, estando muito ligada à luta pelos direitos humanos.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a literatura é de suma importância também na formação dos estudantes do Ensino Superior, enquanto profissionais autônomos, críticos e reflexivos, preparados para compreender o mundo e as relações que os cercam e capazes de exercer efetivamente a cidadania, com solidariedade e respeito às diferenças.

3 A LITERATURA NO ENSINO SUPERIOR TECNOLÓGICO

Os Cursos Superiores de Tecnologia são cursos regulares de graduação, com características especiais, e correspondem a um nível da Educação Profissional e Tecnológica⁵. Regulamentados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação, voltam-se para o domínio e a aplicação de conhecimentos científicos e tecnológicos em diferentes campos do saber relacionados a áreas profissionais.

A implantação desses cursos no Brasil foi impulsionada, em grande parte, pelos avanços tecnológicos e pelas transformações políticas e econômicas que afetaram diretamente

⁵ A Educação Profissional compreende uma variedade de processos educativos, de formação e de treinamento em instituições e modalidades variadas, que contemplam a formação técnica do estudante, em nível médio ou superior, por meio de cursos ofertados tanto por instituições formais de ensino, como por organizações patronais que compõem o sistema “S”, organizações sindicais, comunitárias ou não governamentais. (FAVRETTO; MORETTO, 2013)

o mundo do trabalho, o que exigiu do profissional uma maior capacitação em termos de conhecimentos formais, mas também uma mudança de perfil, conscientizando-o da necessidade constante de aperfeiçoamento. Assim, as universidades, instituições por excelência formadoras das elites e responsáveis pela produção do conhecimento científico e pelo desenvolvimento cultural em geral, sentiram a necessidade de dirigir-se a um público mais heterogêneo, capacitando-o para um mercado cada vez mais competitivo, o que levou à oferta de cursos em novos campos profissionais, focados nas transformações tecnológicas

Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, Lei n. 9.394, representou o marco legal de uma política educacional preocupada em atender a demanda por formação profissional de nível superior. Iniciando um processo de reformulação profunda na educação superior, equiparou em mesmo nível os cursos superiores tecnológicos e os de bacharelado e licenciatura. Como diretriz básica, propôs que a Educação Profissional devia ser integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia, com vistas ao permanente desenvolvimento do país (BRASIL, 1996).

A partir da valorização e da ressignificação da Educação Profissional iniciada pela LDB 9.394/96, foram elaboradas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos Superiores de Tecnologia e criados os Centros de Educação Tecnológica, instituições especializadas em Educação Profissional, com o propósito de formar e qualificar profissionais nos vários níveis e modalidades de ensino para os diversos setores da economia, além de realizar pesquisas e desenvolvimento tecnológico de novos processos, produtos e serviços em articulação com os setores produtivos e a sociedade, oferecendo mecanismos para a educação continuada.

Não se trata de preparar os estudantes para atender aos interesses do mercado de trabalho exclusivamente, como foi o objetivo ao longo da história da Educação Profissional no Brasil, mas de elevar seu nível de escolarização e capacitá-los para mobilizar, articular e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades relacionadas ao contexto profissional e ao desenvolvimento tecnológico, características fundamentais para a inserção do indivíduo na sociedade contemporânea e para o exercício da cidadania. De acordo com o Parecer CNE/CP n. 29:

A nova educação profissional, especialmente a de nível tecnológico, requer muito mais que a formação técnica específica para um determinado fazer. Ela requer, além do domínio operacional de uma determinada técnica de trabalho, a compreensão global do processo produtivo, com a apreensão do saber tecnológico e do conhecimento que dá forma ao saber técnico e ao ato de fazer, com a valorização da cultura do trabalho e com a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões

profissionais e ao monitoramento dos seus próprios desempenhos profissionais, em busca do belo e da perfeição. (BRASIL, 2002, p. 19).

Ou seja, além de conhecimentos específicos da área técnica de atuação, é necessária uma formação humana voltada para a ética e para a cidadania, para a autonomia na tomada de decisões, para a compreensão dos diferentes contextos que envolvem o mundo do trabalho e as relações interpessoais, para o gerenciamento da própria carreira. E a literatura, como apontamos ao longo do texto, seria fundamental no desenvolvimento dessas características, justamente por sua função humanizadora. No entanto, dentro do Ensino Superior Tecnológico, ela não encontra espaço, ao menos de maneira formal, na organização curricular dos cursos.

Na análise dos Projetos Pedagógicos dos cinco Cursos Superiores de Tecnologia oferecidos pela instituição onde foi realizada a pesquisa, não há menção explícita à literatura ficcional, mesmo na disciplina de Português Instrumental, a qual procura desenvolver habilidades de leitura e compreensão de textos. A ementa da disciplina, que é a mesma para os cinco cursos, aborda a leitura de forma bastante ampla: “Leitura, interpretação e produção de textos”, mas, em seguida, destaca os textos “dissertativo de caráter científico” e “informativo técnico”. Isso não impede, contudo, que o professor que ministre a disciplina inclua também a leitura e a análise de textos literários, mas também não o impele a fazê-lo. O espaço, provavelmente o único, que a literatura poderia ocupar dentro da estrutura curricular dos Cursos Superiores de Tecnologia fica à mercê da boa vontade ou do gosto pela literatura do professor da disciplina de Português Instrumental, ou ainda, dos reflexos da formação literária que esse professor recebeu enquanto estudante de Letras.

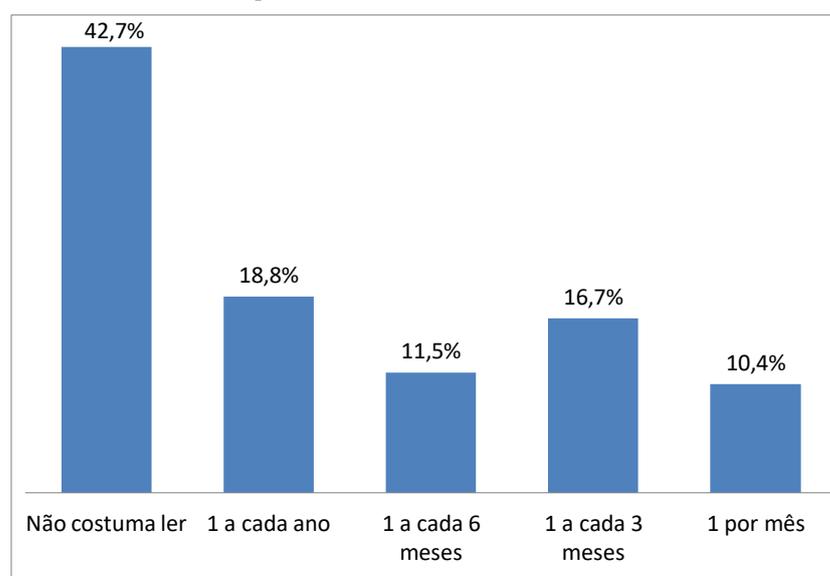
Reportando-nos à crítica que Llosa (2005, p. 377) faz à disseminada concepção de que a literatura é “uma atividade prescindível, um entretenimento seguramente elevado e útil para o cultivo da sensibilidade e das maneiras, um adorno que pode se permitir quem dispõe de muito tempo para a recreação”, mas “que pode ser sacrificado sem escrúpulos na hora de estabelecer uma ordem de prioridades nos afazeres e nos compromissos indispensáveis da luta pela vida”, parece que na organização curricular dos Cursos Superiores de Tecnologia há tantos conhecimentos “importantes” a comunicar, tantos conteúdos “úteis” para a formação do futuro profissional que não se pode “perder tempo” com a literatura, considerada dispensável na formação acadêmica.

A leitura de textos literários acaba tornando-se uma opção de cada estudante, disputando espaço entre as leituras que obrigatoriamente devem ser realizadas para dar conta

das disciplinas do semestre. Somado ao fato de que a maioria dos estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia pesquisados trabalham⁶, além de estudar, esse espaço fica ainda mais reduzido. Com menos tempo para o lazer, muitas vezes, o estudante acaba ocupando seu tempo livre com outras atividades que não a leitura, como dormir, ficar com a família, sair com os amigos, etc.

Investigamos, então, qual era a frequência de leitura de literatura ficcional entre os estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia. Dos sujeitos pesquisados, 42,7% disseram não ter o hábito de ler literatura ficcional (romance, conto, poesia). Dos que leem, 10,4% disseram ler 1 livro por mês; 16,7% disseram ler 1 livro a cada três meses; 11,5% leem 1 livro a cada seis meses; e 18,8% disseram ler 1 livro a cada ano, como mostra o Gráfico 1. Ou seja, menos de um terço do total de estudantes pesquisados lê literatura ficcional com alguma frequência (1 livro por mês ou a cada três meses).

Gráfico 1: Frequência de leitura de literatura ficcional



Fonte: elaborado pela autora

Falta de tempo, preferência por outras atividades que não a leitura e desinteresse foram os principais motivos apontados pelos estudantes para justificar esse comportamento. Ou seja, mais uma vez a literatura ficcional não encontra espaço na lista de prioridades a serem realizadas pelos estudantes.

⁶ No momento da pesquisa, 76% dos estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia afirmaram exercer algum trabalho remunerado.

Indagamos, então, qual era a importância da literatura, na visão dos estudantes, para a formação acadêmica. Pouco mais da metade dos sujeitos (58,1%) consideraram que a leitura de literatura ficcional é importante para a formação do estudante, independentemente do nível e área de conhecimento; 36,6% consideraram que a literatura ficcional não tem tanta importância para a formação do estudante de Cursos de Tecnologia; e 5,4% consideraram que é importante apenas para a formação do estudante da área de Ciências Humanas e Letras.

Ao declararem que a literatura ficcional é relevante para a formação acadêmica de determinadas áreas, como as Ciências Humanas e, em especial, Letras, e que não teria tanta importância para os Cursos Superiores de Tecnologia, percebe-se a concepção de um grupo significativo de estudantes a respeito do Ensino Superior e da própria formação acadêmica: uma formação técnica estritamente vinculada à profissionalização.

De acordo com Paviani (2013), os estudantes universitários, de uma maneira geral, elegem como critérios de escolha de um curso de nível superior apenas a garantia de um emprego imediato e rentável. Isso decorre, segundo a autora, porque os estudantes possuem atitudes e comportamentos equivocados em relação à questão do conhecimento, da formação e da atuação profissional, decorrentes da concepção que a própria sociedade tem de Ensino Superior. Essa concepção traduz uma visão utilitarista de universidade, a qual considera tão somente a capacitação de profissionais para atender às necessidades do mercado de trabalho, sem preocupar-se com a formação do sujeito em sentido *lato*, preparando-o para a cidadania, para as inter-relações sociais e profissionais. Em contraposição a essa ideia, a autora defende que:

Universidade é agência de produção e de desenvolvimento do saber, do conhecimento; não é uma agência de empregos. Ela não se define pelo local onde se obtém um diploma, se adquire informações técnicas, para depois aplicá-las em algum tipo de atividade. Geralmente, essa concepção de universidade, reduzida a uma agência que fornece diplomas, se deve à própria imagem e à ideia que a instituição apresenta à sociedade. (PAVIANI, 2013, p. 19).

Devido a essa ideia distorcida de Ensino Superior, o comportamento do estudante de graduação, em geral, caracteriza-se pelo interesse quase exclusivo ao conhecimento relacionado ao seu curso, concebido por ele, como o que trata de forma técnica as questões específicas da sua formação profissional. Esse comportamento, ainda de acordo com Paviani (2013), acaba por restringir o interesse a uma determinada área do conhecimento e reduz a formação universitária a um adestramento técnico, revelando os limites de uma visão utilitarista

e tecnicista de universidade, quando, na verdade, a universidade tem responsabilidade e compromisso com a dimensão social do trabalho e da aprendizagem.

Decorre daí que os estudantes acabam limitando suas leituras para fins de estudo, para a realização de provas e trabalhos acadêmicos, buscando mais os textos teóricos e científicos em detrimento de outras leituras, justamente porque trazem informações relacionadas especificamente à sua área de formação. “São leituras necessárias, porém, às vezes, demais setorizadas e concentradas em especificidades, não permitindo ao estudante uma visão global do fenômeno, das inter-relações do objeto de estudo com as demais áreas do conhecimento.” (PAVIANI, 2013, p. 52). Ao excluírem a literatura ficcional de sua formação, os estudantes negam a si próprios a oportunidade de uma formação global, plena e humanizadora. Ao não incluírem a literatura em seus programas de ensino, independentemente do curso, as próprias instituições de Ensino Superior contribuem para essa falta.

Com o intuito de investigar mais a fundo a atividade de leitura dos acadêmicos, perguntamos se lembravam do último livro de literatura ficcional que leram ou estavam lendo. As obras e autores citados por cada um dos sujeitos⁷ constam no Quadro a seguir:

Quadro 1: Relação de obras literárias lidas

Sujeitos da pesquisa	Última obra de literatura lida
Sujeito 1	<i>Os Crimes ABC</i> (Agatha Christie); <i>A revolução dos bichos</i> (George Orwell); <i>O caçador de pipas</i> (Khaled Hosseini); <i>Querido John</i> (Nicholas Sparks); livros de Mário Sérgio Cortella (não lembrava dos títulos).
Sujeito 2	Não lembrava do último livro lido e não estava lendo nada no momento.
Sujeito 3	<i>Por que fazemos o que fazemos</i> (Mário Sérgio Cortella) e Fernando Sabino (não lembrava do título).
Sujeito 4	<i>Harry Potter e A criança amaldiçoada</i> (J. K. Rowling).
Sujeito 5	<i>O paraíso são os outros</i> (Valter Hugo Mãe); <i>Memória do fogo</i> (Eduardo Galeano).
Sujeito 6	<i>A história da Mitologia para quem tem pressa</i> (Mark Daniels).
Sujeito 7	Último livro lido foi de filosofia, recomendado pela disciplina de Filosofia e Ética, mas não lembrava o título, leu apenas algumas passagens.
Sujeito 8	<i>Cavalo de Troia</i> (J.J.Benitez).
Sujeito 9	<i>Mentes perigosas</i> (Ana Beatriz Barbosa Silva).
Sujeito 10	<i>Harry Potter e A criança amaldiçoada</i> (J. K. Rowling).

Fonte: Elaborado pela autora

⁷ Optamos por manter na íntegra as obras e autores citados pelos sujeitos, mesmo que alguns deles tivessem mencionado mais de uma, e outros não tivessem lembrado o título ou autor.

Percebe-se, nessa relação, que a literatura de massa ou os chamados *best sellers* predominam entre as leituras dos estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia entrevistados. Algumas das obras citadas tiveram adaptações para o cinema, o que pode ter influenciado sua leitura, como *O caçador de pipas*, *Querido Jonh* e a saga *Harry Potter*, cujo livro *A criança amaldiçoada* é uma continuação da história. Além disso, apenas três autores brasileiros são citados, mas somente um deles, Fernando Sabino, pode ser considerado um autor de gênero literário. Mário Sérgio Cortella, filósofo, e Ana Beatriz Barbosa Silva, psiquiatra, publicam obras voltadas ao grande público, cuja temática geralmente está voltada ao comportamento humano. Ambos são palestrantes e marcam presença constante na mídia, fazendo de suas obras sucesso de vendas no Brasil. O fato de alguns estudantes não terem lembrança clara do título da última obra lida sugere a pouca atenção dispensada à leitura ou que a experiência da leitura não seja uma atividade corriqueira em sua vida, de modo que não possuem o hábito de organizar suas leituras, guardando uma relação de obras lidas.

Ao analisar esses dados, chama a atenção a ausência de autores e obras clássicas, o chamado cânone da literatura. Pensando no contexto educacional brasileiro, em que o Ensino Superior é ainda um privilégio a que a maioria dos cidadãos não tem acesso⁸, presume-se que o estudante que conseguiu chegar a esse nível tenha desenvolvido uma trajetória de leitura que lhe permita avançar na leitura de obras mais complexas, que exijam uma maior capacidade de compreensão e domínio de vocabulário, como a de autores como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, apenas para citar nomes brasileiros. Mas, ao contrário, o que se percebe é que as obras lidas por esses estudantes de Ensino Superior, *best sellers* principalmente, são as mesmas lidas por alunos do Ensino Médio ou pelo público em geral que, muitas vezes, não completou a Educação Básica.

O fenômeno do *best seller* está ligado ao desenvolvimento do capitalismo e à sociedade de consumo contemporânea, e pode ser analisado, como aponta Felices (2009), sob os aspectos social, ideológico, literário e mercadológico. Trata-se de um produto literário que utiliza aspectos estruturais e estéticos específicos com vistas a atender a demanda de um público leitor médio, que, se não fosse esse tipo de literatura, talvez não lesse nada. Características como enredo interessante mas linear, linguagem simples e leve, minimizando o esforço do leitor no sentido de não lhe exigir erudição como pré-requisito para a fruição do texto, tornam o *best*

⁸ De acordo com o censo de 2010 realizado pelo IBGE, apenas 7,9% dos brasileiros possui Ensino Superior completo.

seller uma literatura acessível a uma ampla parcela da população, que se converte em público consumidor. Como resume Felices:

[...] estamos ante unos productos literarios confeccionados para una lectura rápida y gratificante y contruídos, para tal efecto, com una trama poco compleja, ágiles em su desarrollo y estrutura discursiva, caracterizados, en casi su totalidad, por la hibridación de géneros y en los que la introducción del suspense y el misterio dentro de la narración se ha manifestado como el componente fundamental desencadenador del éxito lector y, por ende, económico. (FELICES, 2009, p. 6).

Enquanto a literatura chamada culta, integrante do cânone, tem como agentes de legitimação a crítica e a academia, de acordo com Aranha e Batista (2009, p. 127), a literatura de massa tem no mercado seu principal agente valorativo. Nesse sentido “estar entre ‘os mais vendidos’ significa não apenas um resultado, mas uma agregação de valor e consolidação da qualidade de uma obra para a massa, legitimada pela própria massa através do consumo”.

O fato da literatura de massa ser a leitura mais citada pelos sujeitos pesquisados nos leva a pensar no motivo pelo qual esses estudantes não conseguiram migrar dos *best sellers* para os clássicos, por que não fizeram a travessia para níveis mais elevados de literatura? Certamente, ao longo do Ensino Médio esses alunos entraram em contato ou leram alguma obra representante do cânone literário, por exigência da escola, claro, mas não mantiveram esse repertório de leitura no Ensino Superior.

A influência da mídia, cuja publicidade em torno dos *best sellers* divulga listas dos livros mais vendidos, colocando-os em posição de destaque nas estantes das livrarias, as indicações dos amigos ou familiares somadas a experiências não muito interessantes vivenciadas na escola podem ajudar a explicar esse comportamento.

Não se pretende, com essa discussão, criticar ou diminuir as leituras dos estudantes dos Cursos Superiores de Tecnologia, já que ler literatura de massa é ainda melhor que não ler nada, mas no sentido de dar-lhes a conhecer obras e autores cuja leitura contribuiria para um aprofundamento do senso crítico, da criatividade e da sensibilidade, para a ampliação da visão de mundo que a boa literatura possibilita.

Por isso, defendemos a necessidade de um espaço para que os estudantes do Ensino Superior Tecnológico possam restabelecer o contato e, quem sabe, o encantamento pela literatura ficcional. Um espaço para promover a mediação entre o leitor e o texto, oportunizar a leitura e o diálogo sobre a obra, ajudando-os a compreender o texto literário, a perceber a

riqueza da construção de enredos e personagens, a coerência interna da obra, o trabalho com a linguagem, que caracterizam a literatura de qualidade.

4 A QUESTÃO DO CÂNONE

A própria definição de cânone é problemática. Poderíamos tentar definir o cânone como uma seleção de autores e obras, que por certas características como originalidade e qualidade estética, permaneceram no tempo, entrando para a tradição. Mas a construção do cânone é um processo complexo que envolve segmentos diversos como a crítica literária, a academia, o mercado editorial e o público, os quais influenciam essas escolhas com diferentes pesos, em que os critérios nem sempre são muito definidos e, quase sempre, subjetivos. Essa relação de autores e obras, por sua vez, depende de certas instituições para ser legitimada, sendo a escola ou a universidade a instituição por excelência encarregada pela perpetuação do cânone.

Um autor de referência na discussão sobre o cânone é Harol Bloom. Para ele, na definição do cânone, a crítica literária é decisiva, mas deve estar desvinculada das abordagens multiculturais ou movimentos teóricos-críticos associados a raças, etnias e gêneros. O autor também lamenta, no contexto atual, a falta de critérios estéticos e a falta de conhecimento de literatura por parte de estudiosos de teoria. Marcada pelo tom autoritário e elitista, a obra *O Cânone Ocidental* (1994) exclui as literaturas cujos idiomas e sistemas são desconhecidos pelo autor, contribuindo para legitimar a desigualdade social e cultural ao invés de ampliar o acesso às obras. Em crítica à obra, Ginzburg (2004, p. 106) afirma: “[...] se trata de uma teoria autoritária da literatura, que legitima a postura elitista de ensino, sustentando que é parte da concepção do fenômeno literário o fato de que poucos podem compreendê-lo.” Não à toa, a defesa dos escritores canônicos empreendida por Bloom tornou-se alvo de críticas por parte de feministas e multiculturalistas, como aponta Ginzburg (2004).

Mas, apesar de sua contestável relação de autores e obras canônicas e de critérios não muito claros, vale atentar para a definição de cânone elaborada por Bloom. Para ele, o que torna uma obra ou autor canônico é a estranheza, “um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (BLOOM, 1994, p.12). O valor estético, segundo Bloom, continua sendo a principal característica para que uma obra atravesse o tempo e permaneça atual, que seja capaz de oferecer sentidos outros a cada nova leitura:

O movimento de dentro da tradição não pode ser ideológico nem colocar-se a serviço de quaisquer objetivos sociais, por mais moralmente admiráveis que sejam. A gente só entra no cânone pela força poética, que se constitui basicamente de um amálgama: domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento, dicção exuberante. (BLOOM, 1994, p. 36).

Devido a essas características, a leitura de uma obra canônica pode não ser tarefa fácil, pelo menos em uma primeira leitura. Como alerta Bloom (1994, p.37), “um antigo teste para o canônico continua sendo ferozmente válido: se não exige releitura, a obra não se qualifica.”.

Da mesma forma que Bloom, Calvino (2007) também busca uma definição para o que chama obras clássicas. Para ele, os clássicos são os livros que necessitam ser relidos, pois nunca terminam de dizer aquilo que tinham para dizer. Ainda que os livros sejam os mesmos, embora eles também mudem sob uma perspectiva histórica, o leitor muda, e esse encontro é sempre um acontecimento novo. Por isso, cada leitura, mesmo sendo uma releitura, é uma leitura nova. A leitura de um clássico oferece sempre uma surpresa, uma revelação em relação a nós mesmos:

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência. (CALVINO, 2007, p. 12).

Calvino estabelece ainda uma diferença entre a leitura na juventude e na idade madura. Segundo o autor:

[...] as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. (CALVINO, 2007, p. 10).

Tomando a perspectiva de Calvino (2007), talvez o Ensino Superior fosse o momento de restabelecer o contato com algumas obras apresentadas pela escola e lidas na adolescência, mas que não foram totalmente compreendidas ou não fizeram tanto sentido na época. Talvez fosse o momento de o estudante retomar ou iniciar a leitura de uma obra clássica, amparado por uma experiência de leitura mais sólida e pela maturidade, que traz novas

experiências de vida e conhecimento. Ou, ainda, fosse o momento de se aventurar na leitura de um livro de que sempre ouviu falar, mas nunca empreendeu de fato a sua leitura.

Para Calvino (2007, p. 12), as obras clássicas “são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”. Isso acontece, segundo o autor, quando a obra estabelece uma relação pessoal com o leitor. Por isso que as obras clássicas não devem ser lidas por obrigação, dever, respeito, mas somente por amor. A escola, por sua vez, deve dar a conhecer um certo número de clássicos dentre os quais ou em relação aos quais o leitor poderá depois reconhecer os “seus” clássicos. “O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele.” (CALVINO, 2007, p.13).

Há, contudo, a possibilidade de a escola falhar na missão de apresentar o cânone aos estudantes ou de fornecer-lhes instrumentos para fazerem as próprias escolhas, tornando a experiência de leitura medíocre. Outrossim, a falta de critérios para selecionar obras e eger as próprias preferências abre caminho para os apelos da mídia e das listas de livros mais vendidos, independentemente da qualidade literária. Assim, ao invés do estudante ir construindo seu repertório de leituras baseado em experiências anteriores ou em “seus clássicos”, ele se deixa levar pelo mercado editorial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negar que, no contexto do Ensino Superior, a leitura é voltada para a linguagem técnico-científica necessária ao desempenho profissional. Mesmo assim, como salienta Witter (1997), o estudante, como cidadão, pode e precisa dedicar-se a outras leituras que não as específicas para o seu fazer profissional, e a universidade não pode ignorar esse fato.

Considerando o estudante como um sujeito em formação, é possível à instituição de Ensino Superior contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura dos estudantes, despertando-lhes o gosto pela leitura literária, fazendo-os perceber o ato de ler como uma necessidade essencial para seu crescimento intelectual e habilidade imprescindível para sua formação profissional. Assim,

[...] quando o aluno universitário desenvolve as habilidades de ler e de interpretar as significações que vão além do sentido literal do texto e quando sabe observar as “tramas que o tecem”, ele, além de encontrar informações e conhecimentos úteis ou necessários para sua formação, também tem acesso ao prazer do texto, e, então, a leitura pode tornar-se dever e lazer, saber e sabor. (PAVIANI, 2006, p. 41).

Sabida a importância da literatura para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, cuja visão integradora auxiliaria na resolução de problemas de toda ordem, independentemente da área de conhecimento, o que se esperaria do estudante em termos de leitura literária, segundo Paviani (2013), é que ele fizesse essa leitura naturalmente, como um complemento à sua formação. Não se trata, necessariamente, de uma leitura-estudo, já que a leitura literária é realizada com outros propósitos. Na leitura-estudo, o aluno está exposto às informações; na leitura literária, ele se depara com situações e experiências de vida inimagináveis.

Dado o fato de que a grande maioria dos estudantes do Ensino Superior Tecnológico não costuma ler literatura ficcional, e os que leem, não incluem obras clássicas em seus repertórios, como mostrou a pesquisa, mais uma vez reitera-se o papel da universidade na formação de leitores. Por que não incluir a literatura ficcional nos programas dos Cursos Superiores de Tecnologia?

O ideal seria a inclusão da literatura ficcional na estrutura curricular dos cursos, compondo uma disciplina voltada à formação humana dos futuros profissionais. Mas enquanto a importância da literatura não for reconhecida pelos gestores ou responsáveis pela configuração dos Cursos Superiores de Tecnologia, podem-se promover atividades extracurriculares, desde que desenvolvidas no próprio espaço da universidade, para atender a essa demanda. Clubes literários, grupos de discussão, saraus, seminários, palestras com escritores poderiam constituir alternativas para levar aos alunos do Ensino Superior Tecnológico essa oportunidade, proporcionando o desenvolvimento progressivo dos leitores. Além disso, é necessário que as bibliotecas disponibilizem um acervo diverso e atualizado em termos de literatura ficcional, dando visibilidade às obras e proporcionando um ambiente favorável à leitura em seu próprio espaço. Bibliotecários também têm um papel importante na formação de leitores e poderiam engajar-se nas atividades de promoção da literatura na instituição de Ensino Superior.

Existe a possibilidade de que essas atividades extracurriculares não alcancem a totalidade dos alunos, mas ao menos os que já são leitores e que agora, no nível superior, sentem-se órfãos de um mediador que indique obras, que os oriente em suas leituras, alguém com quem possam partilhar suas experiências, ou sentem falta de um momento do dia reservado para o prazer da leitura, sem cobranças nem avaliações, um momento para fugir das obrigações

cotidianas e se deixar inebriar por um bom romance ou poema. Leitores que necessitam de um espaço apropriado para desfrutar do texto literário, porque em casa ou no trabalho não o encontram, já que nesses ambientes têm que priorizar “coisas mais importantes a fazer”, como diria Llosa.

Em uma perspectiva mais otimista, talvez essas atividades, desde que se consolidem e se tornem perenes na instituição, poderiam contagiar estudantes não leitores, dado que a formação do leitor é um processo contínuo, que acontece durante a vida toda. É sempre tempo de se tornar leitor, como explicam Horellou-Lafarge e Segré:

O leitor muda e renova suas leituras ao sabor de suas experiências; abandona ou retoma a prática da leitura, modifica suas escolhas. Não-leitores podem tornar-se grandes leitores; pode-se perder ou adquirir a familiarização com o livro conforme as peripécias da vida, graças a encontros mais ou menos estimulantes; grandes leitores perdem, às vezes, sua atração pelo livro, perdem o interesse por ele. O amor pela leitura se descobre ou se redescobre em diversos períodos da existência: um estado de crise afetiva pode provocar a rejeição da leitura ou voltar a dar um sentido a essa prática. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 123).

Os Cursos Superiores de Tecnologia poderiam, enfim, proporcionar a experiência da leitura literária não como sinônimo de obrigação ou superioridade intelectual, mas como forma de fruição da arte, de valorização da cultura e da expressão humana, como um direito de todos os cidadãos. Em tempos de sectarismo e intolerância, nada melhor que o poder humanizador da literatura para a formação de profissionais conscientes de seu papel na sociedade.

Diferentemente dos conhecimentos técnicos e científicos que os estudantes adquirem nas disciplinas específicas de seus cursos, a literatura não possui “utilidade prática”. A função da literatura, enquanto forma de arte, é algo difícil de conceituar, porque age no íntimo de cada leitor, como uma experiência única e intransferível. O autoconhecimento e o melhor entendimento do outro e da realidade promovidos pela literatura não pode ser avaliado, mas o certo é que ninguém passa incólume pela leitura de uma boa obra literária.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

ARANHA, Gláucio; BATISTA, Fernanda. Literatura de massa e mercado. **Revista Contracampo**, Niterói, 121 – 131, 2009. Disponível em:

<http://www.cienciasecognicao.org/portal/wp-content/uploads/2016/06/ARANHA-G-LITERATURA-DE-MASSA-E-MERCADO.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2019.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: os livros e a escola do tempo. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 3, de 18 de dezembro 2002**. Institui as diretrizes curriculares nacionais gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. Brasília, DF: CNE/CP, 2002. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 14 ago. 2019.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

FAVRETTO, Juliana; MORETTO, Cleide Fátima. Os cursos superiores de tecnologia no contexto da expansão da educação superior no Brasil: a retomada da ênfase na educação profissional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 407-424, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302013000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 ago. 2019.

FELICES, Francisco Álamo. Literatura y mercado: el best seller. Aproximaciones a su estructura narrativa, comercial e ideológica. **Espéculo Revista de Estudios Literários**, Madri, 2009. Disponível em:
<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero43/limercad.html>. Acesso em: 11 ago. 2019.

GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. **Revista de Letras**, São Paulo, 44 (1), p. 97-111, 2004. Disponível em:
<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/view/243>. Acesso em: 11 ago. 2019.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da Leitura**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2010.

LLOSA, Mário Vargas. **A Verdade das Mentiras**. São Paulo: Arx, 2005.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Linguagem e práticas culturais**. Caxias do Sul: Educ, 2006.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Linguagem e implicações pedagógicas**. Caxias do Sul: Educ, 2013.

WITTER, Geraldina Porto. (Org.). **Leitura e universidade**. Campinas-SP: Alínea, 1997.